

HÁ MUITA GENTE QUE AGUARDA A SAÍDA REGULAR DE CADA NÚMERO DA REVISTA

*Entrevista concedida pela Diretora da Educ, Maria do Carmo Guedes (MC)
para a revista Distúrbios da Comunicação (DC)*

DC: Quais são, a seu ver, os papéis de um periódico, digamos, científico-acadêmico?

MC: Os mais variados, todos importantes, cada um à sua moda: difundir o que pensa e faz uma unidade acadêmica; fortalecer o grupo que o publica junto a instâncias as mais diferentes (como a própria universidade a que pertence, a área em que se insere, as agências de financiamento ou de avaliação); assegurar o intercâmbio com outras publicações... Agora, para ser científico (embora o sentido possa ser bem amplo), a meu ver, deve ter o cuidado de publicar, pelo menos na maior parte, pesquisa original e, sem dúvida, publicar porque foi selecionada para isso, e não apenas porque a pesquisa foi feita. Vale dizer: o que signifique algum tipo de avanço para a área, qualquer que seja o sentido ou direção desse avanço. E tem ainda que ser pesquisa de interesse do assinante. A meu ver, se não tem tudo isso, fica uma revista apenas institucional. Necessária, boa, útil, mas não científica.

Distúrbios da Comunicação, São Paulo, 8(2):175-178, junho, 1997

DC: *Você acha que a Universidade deve prestigiar e apoiar seus periódicos? E como ela poderia fazer isso?*

MC: Tanto acho, que em 93 recolocamos Revistas como item da linha editorial da EDUC. Na PUC, entretanto me parece que, mais importante que esta intenção de sua Editora, é a prática de atribuir horas-professor em contrato para o editor científico. Mas a Universidade poderia mais; poderia ajudar a buscar apoio junto a agências, tanto as de fomento à pesquisa como outras (apoio cultural ou propaganda comercial) – até porque são verbas mais fáceis de conseguir se solicitadas institucionalmente. Há algo ainda que eu pensava poderia ser uma forma de ajuda (depois de quatro anos, já não tenho muita certeza) é a que implica a busca e liberação de informações sobre edição científica: aspectos técnicos, éticos, políticos. Mas, talvez os editores de revistas da PUC-SP não precisem disso. O fato é que muito pouca gente tem participado das atividades que temos programado para esse objetivo.

Mas há uma coisa ainda que a Universidade poderia fazer: incluir em seus projetos de ensino e pesquisa o compromisso com a formação de professores e pesquisadores que sejam, por definição, também autores. Não vejo os cursos de graduação nem os programas de pós se preocupando com isso; talvez um ou outro professor, mas não a Universidade. E, enquanto isso não acontece, editores científicos são aqueles colegas “chatos” que nos exigem artigos pelos quais ninguém quer pagar – nem a Revista, nem a Universidade, nem mesmo as agências de fomento à pesquisa! Como se ensinar e pesquisar nada tivessem a ver com escrever. Como se fosse algo a mais na nossa vida. Fazer revista nessas condições é mesmo bastante difícil. (Entenda, não é pena dos editores que eu sinto. Tanto mais que eles são sempre reconhecidos: são aqueles grandes caras que nos ajudam a encomprar o *curriculum vitae*. Até a Capes sabe hoje valorizar essa atividade.)

DC: *E a Distúrbios? Você era diretora da EDUC em 86, quando a Revista foi criada, e agora, quando ela completa dez anos, você novamente dirige a EDUC. Então conte-nos: como você via a DC naquela época e como a vê atualmente?*

MC: Em 85, antes de propor que a EDUC fosse instalada como um setor da Vice-Reitoria Acadêmica, fizemos um levantamento do que havia de publicações da PUC – tanto a editada pela EDUC (que existia já desde 73), como a editada

diretamente pelas unidades acadêmicas; não só o que estava sendo editado, mas também projetos e até intenções e necessidades dos Departamentos e Programas. A área de Distúrbios logo se destacou: não só tinha projetos como já publicava regularmente; além disso, reunia três unidades: o Departamento de Distúrbios da Comunicação, a Deric e o recém-criado Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação. Considerando tudo isso, era fácil apoiar a abertura de uma revista na área. Claro, pesou ainda muito o fato de, como área de conhecimento, ter um recado muito próprio e original: o entendimento dos distúrbios da comunicação como sub-área da Educação e não apenas como patologia médica.

Entretanto, e em que pese o prazer de trabalhar então com um Editor Científico do nível e gentileza do Zé Geraldo (Silveira Bueno), o início não foi fácil. Sem dinheiro e com a EDUC ainda se instalando como um setor, nosso apoio foi mais para que a revista começasse do que para começá-la do modo mais adequado. Ela era muito feia, não acha? E no conteúdo, nossa atuação lembrava mais orientação de tese do que preparação editorial de texto...

Mas logo a revista se achou: Conselho Editorial mais forte, o Pós ajudando o grupo a ter cada vez mais pesquisas, o editor científico e a EDUC se profissionalizando... Houve um momento de susto em 89/90: novas e, viu-se depois, absurdas imposições da própria Editora atrapalharam, em vez de ajudar. Vocês, dando a volta por cima, têm hoje uma revista como se deve: *bonita, catalogada e com assinantes*. Há muita gente que aguarda a saída regular de cada número da revista, e isto mostra que ela é lida porque editada (e não porque eventualmente indicada por este ou aquele professor). Eu volto aqui à primeira questão: isto é uma revista científica. E tem mais: ter assinantes ajuda a assegurar a verba necessária para publicá-la em melhor nível científico e técnico e, porque a revista é de seu interesse, ajuda o editor na busca de garantir a periodicidade.

DC: *Você acha que a DC tem alguma característica marcante, isto é, definidora de seu perfil?*

MC: Certamente, tem ainda a marca com que foi aberta: a de representar uma especial postura, que é ainda só dela. Mas marca também a revista o fato de publicar

material em outras abordagens que não a sua. Resta saber se, dez anos depois, isto é suficiente para a área e para o grupo que responde pela publicação. Parece que sim para os leitores. Mas, e os editores? Gostariam hoje de mexer no projeto editorial? Por que? E para que? Se a EDUC puder ajudar nisso, contem com a gente...

DC: Em que você acha que a DC precisava aperfeiçoar-se?

MC: Acho que revistas, em especial aquelas produzidas por unidades acadêmicas (como é o caso da DC), devem pedir auxílio a agências de fomento reconhecidas como boas avaliadoras. É uma forma de ter a avaliação por pares, não só para os artigos individualmente, mas para a revista como um todo. A meu ver, esta é uma excelente forma de decidir o que aperfeiçoar numa revista. Infelizmente, não tem sido hábito do Conselho Editorial da EDUC avaliar as revistas que editamos. Por isso, temos incentivado os editores a pedir auxílio à Fapesp. Mesmo os que não precisam deste dinheiro, como vocês.

DC: Vale a pena ter um periódico como a DC no catálogo da EDUC?

MC: Sem dúvida nenhuma! E, no entanto, revistas na EDUC dão trabalho e não rendem nenhum dinheiro; sequer trazem mais respeito dos editores ditos comerciais. Você entende, então, que só valem a pena revistas que sejam reconhecidas e que tenham sua periodicidade o mais próxima possível do prometido aos leitores. Sem dúvida, é o caso da DC. Sem contar o prazer que tem sido trabalhar com uma área e um editor tão simpáticos.